500 ANOS
DA MORTE

RAINHA D. LEONOR

UM LEGADO DE MISERICÓRDIA

JORNADAS

17 › 18 SET 2025

CASA ÁSIA -
Coleção Francisco Capelo

Uma iniciativa da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa em parceria com o CESEM-Centro de Estudos em Música da NOVA/FCSH e a Câmara Municipal de Lisboa/Direção Municipal de Cultura/Gabinete de Estudos Olisiponenses

Assinalar os 500 anos da morte da Rainha D. Leonor de Portugal é evocar a gesta de um Povo. O nosso. Leonor inspirou quatro reinados e viveu no auge da epopeia dos Descobrimentos.

Nora de D. Afonso V (1432-1481), mulher de D. João II (1455-1495), irmã de D. Manuel I (1469-1521) e tia de D. João III (1502-1557), Leonor de Portugal representa o melhor que a dinastia de Avis teve para nos dar e para nos deixar.

Mulher política, empreendedora de causas sociais, mecenas da cultura, sensível a todo o tipo de inovações tecnológicas e civilizacionais, Leonor foi, acima de tudo, mãe do Povo português. Ainda hoje, 500 anos depois, beneficiamos do seu amplo legado.

As presentes Jornadas, que decorrerão na casa que fundou há cinco séculos, a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, pretendem dar-nos conta do estado da arte dos estudos leonorianos, assim como contribuir para dar a conhecer ao cidadão comum a dimensão humana desta mulher, o seu contexto, o seu quotidiano.

Coordenação Científica

Manuel Pedro Ferreira (CESEM - NOVA/FCSH)

Oradores

Paulo Drumond Braga
Manuel Pedro Ferreira
João Miguel Simões
João Alves Dias
Delmira Espada Custódio
João Pedro d'Alvarenga
Joana Balsa de Pinho
Pedro Flor
Ana Isabel Buescu
Carla Alferes Pinto
José Camões

PROGRAMA

›17 SET

9h30 Receção dos oradores e público

10h00 Sessão de abertura

10h30 Paulo Drumond Braga
"O príncipe que não conseguiu ser rei: D. Afonso (1475-1491), filho de D. João II e de D. Leonor"

11h00 Manuel Pedro Ferreira
"Do luto da Rainha ao contexto musical franciscano"

11h30 Pausa

12h00 João Miguel Simões
"O modelo arquitetónico dos dois primeiros mosteiros portugueses para freiras colectinas patrocinados pela rainha D. Leonor: Jesus de Setúbal e Madre Deus de Xabregas"

12h30 João Alves Dias
"A imprensa em Portugal na época de D. Leonor: uma visão de conjunto"

13h00 Pausa para almoço

15h00 Delmira Espada Custódio
"As Perfeitíssimas Horas da rainha D. Leonor e outros códices iluminados da sua Livraria"

João Pedro d'Alvarenga
"Música e devoção no tempo de D. Leonor"

16h00 Pausa

16h30 Visita à Casa Ásia - Coleção Francisco Capelo

›18 SET

9h30 Abertura da sala

10h00 Joana Balsa de Pinho
"Casas da Misericórdia: tipologia, função e singularidade no património arquitectónico português"

10h30 Pedro Flor
"A pintura e a escultura para a Rainha Velha: aspetos da cultura visual em Portugal no Renascimento"

11h00 Pausa

11h30 Ana Isabel Buescu
"D. Leonor e os livros. Duas obras da sua livraria"

12h00 Carla Alferes Pinto
"Vestuário e representação no período moderno"

12h30 José Camões
"Comédias, farsas e moralidades para a tia Leonor"

15h00 Visita ao Arquivo Histórico da SCML

› Paulo Drumond Braga

"O príncipe que não conseguiu ser rei: D. Afonso (1475-1491), filho de D. João II e de D. Leonor"

O príncipe D. Afonso (1475-1491) foi o único filho do matrimónio que uniu D. João II à rainha D. Leonor. Afável, piedoso, culto e sisudo, mais brando e delicado do que seu pai teria desejado, apreciava divertimentos típicos de alguém da sua condição social, como a montaria, a natação e o páreo. Nasceu quando se estava a iniciar uma guerra entre Portugal e Castela. Aos cinco anos, quando a paz chegou, acompanhada de desconfianças mútuas, viu-se arrastado para uma inusitada situação de refém, em que permaneceu durante três anos. Aos 15 anos, uma vez mais como penhor da paz, desposou D. Isabel, filha dos reis de Castela e Aragão. Oito meses volvidos sobre esse casamento, que pode mais ser visto como uma prolongada lua de mel, morreu de forma trágica, causando um profundo desgosto aos pais, à mulher e ao Reino em geral. A sua vida, por ter sido tão curta, tem qualquer coisa de meteórica. Mas, ao mesmo tempo, os acontecimentos em que se viu envolvido parecem demasiados para tão poucos anos e, simultaneamente, pesados demais para tão tenros ombros. Só lhe faltou ter gerado um filho, o que cronologicamente teria sido possível, e teria evitado um problema sucessório a Portugal.

› Manuel Pedro Ferreira

"Do luto da Rainha ao contexto musical franciscano"

Nesta comunicação atentaremos no impacto poético-musical da morte do príncipe D. Afonso, através do Pranto pelo Infante D. Afonso, *Ay, ay, ay, ay! Que fuertes penas!* e das Trovas de Álvaro de Brito à morte do príncipe (cantiga adaptável a música de Juan del Encina); seguidamente afloraremos o contexto musical franciscano do Convento da Madre de Deus, e tentaremos avaliar a sua possível relação com a música na capela real e o repertório recolhido na *Arte novamente inventada para aprender a tanger* (Lisboa, 1540), de Gonçalo de Baena.

› João Miguel Simões

"O modelo arquitetónico dos dois primeiros mosteiros portugueses para freiras colectinas patrocinados pela rainha D. Leonor: Jesus de Setúbal e Madre Deus de Xabregas"

As clarissas ou Segunda Ordem de São Francisco foram fundadas por Santa Clara de Assis e partilham com os franciscanos o mesmo ideal de renúncia aos bens temporais. Pelas constituições de Narbona (1260) adotaram o modelo de igreja com planta em cruz latina, nave única muito longa, transepto saliente, alvenaria simples de cal e areia, cobertura de madeira e ausência de decoração. Com o passar dos anos, as igrejas da família franciscana tornaram-se mais sumptuosas e a ordem foi abandonando a austeridade inicial. Como reação, surgiu um novo ramo, denominado de observantes que pretendia o retorno à pureza e humildade originais.

A nível feminino, este ramo foi protagonizado por Santa Coleta de Corbie que restaurou nas clarissas a "experiência de estrita clausura, pobreza radical e especialização contemplativa". A reforma de Santa Coleta propagou-se à Peninsula Ibérica através do convento de Santa Clara de Gandia, no reino de Valência. A partir daqui, foram fundados novos conventos de freiras clarissas reformadas, dois deles em Portugal: o de Jesus de Setúbal e o da Madre Deus de Xabregas. O primeiro foi fundado por Justa Rodrigues Pereira, ama do futuro rei D. Manuel, mas logo se submeteu aos desígnios do rei D. João II e de sua mulher, a rainha D. Leonor, que lhe impuseram o modelo da igreja de Santa Clara de Assis, protótipo abandonado quando a obra passou para a esfera do rei D. Manuel. O segundo foi a Madre Deus de Xabregas, fundada pela rainha D. Leonor, já como rainha viúva, e igualmente terá seguido o modelo da igreja de Santa Clara de Assis, fisionomia anulada aquando das grandes intervenções protagonizadas por Diogo de Torralva no reinado de D. João III.

João Alves Dias

"A imprensa em Portugal na época de D. Leonor: uma visão de conjunto"

A Imprensa – como técnica e arte que envolve a difusão do conhecimento – floresce, em Portugal, durante a vida da Leonor, que hoje se evoca. Contextualizar o "invento" (talvez o último dos tempos chamados medievos ou o primeiro da modernidade), revisitando as diferentes implicações, constitui o objetivo da síntese que se apresenta.

Delmira Espada Custódio

"As Perfeitíssimas Horas da rainha D. Leonor e outros códices iluminados da sua Livraria"

A presente comunicação centrar-se-á na análise das *Perfeitíssimas Horas da rainha D. Leonor* (BNP, IL. 165), obra maior da iluminura flamenga do terceiro quartel do século XV. Totalmente iluminadas em grisalha e ouro, com apontamentos pontuais de cor, constituem um dos exemplos mais representativos do *corpus* do seu iluminador, o flamengo Willem Vrelant, cuja extensa produção deixou uma marca significativa na iluminura flamenga deste período. Um dos aspectos mais marcantes do códice é o carácter vincadamente narrativo das suas figurações marginais, onde o iluminador representa a intervenção de Joana d'Arc no episódio que inverteu a Guerra dos Cem Anos e colocou termo ao conflito, estabelecendo ainda interessantes relações simbólicas com os temas centrais das iluminuras.

João Pedro d'Alvarenga

"Música e devoção no tempo de D. Leonor"

Tomando como ponto de partida objectos de encomenda ou da posse da Rainha e outros coevos – particularmente pintura e livros de horas – visitam-se as preocupações espirituais e as devoções cristológicas de inspiração franciscana, na forma como foram veiculadas na música polifónica, particularmente no moteto devocional ibérico, em torno a 1500.

Joana Balsa de Pinho

"Casas da Misericórdia: tipologia, função e singularidade no património arquitectónico português"

Em 1498, funda-se em Lisboa, por iniciativa da rainha D. Leonor, a primeira Misericórdia; esta instituição iria introduzir o modelo seguido pelas confrarias que se fundariam no século seguinte por todo o país, atingindo as c. 200 no final da centúria. Para a prossecução da sua atividade assistencial e devocional, as Misericórdias necessitavam de um espaço construído que foi sendo desenvolvido de acordo com as disponibilidades financeiras, os apoios granjeados e a dinâmica das lideranças. Estes edifícios, embora dispersos geograficamente e díspares em termos artísticos, partilhavam um conjunto de características que permitem individualizar um tipo arquitetónico - a Casa da Misericórdia. É neste contexto que se desenvolve a presente comunicação, cujo objetivo é apresentar e discutir as especificidades da arquitetura promovida pelas Misericórdias, pretendendo destacar a singularidade deste património cultural e contribuir para a sua salvaguarda e valorização.

› Pedro Flor

"A pintura e a Escultura para a Rainha Velha: aspetos da cultura visual em Portugal no Renascimento"

Esta comunicação analisa a ação mecenática de D. Leonor (1458–1525), a Rainha Velha no dizer de Gil Vicente, no quadro da cultura visual renascentista. Serão exploradas as encomendas ou ofertas de pintura e escultura promovidas ou recebidas pela rainha, com destaque para obras atribuídas a artistas como Quentin Metsys, Hans Memling, Alexander Bening e a oficina dos Della Robbia. Através das ligações dinásticas e diplomáticas de D. Leonor, discutir-se-á a circulação de modelos e objetos entre Flandres, Itália e Portugal, bem como a construção de uma imagem régia ancorada na devoção, na memória e no prestígio dinástico. A conferência propõe uma reflexão sobre o papel ativo de D. Leonor como agente da renovação artística no reino.

› Ana Isabel Buescu

"D. Leonor e os livros. Duas obras da sua livraria"

A rainha D. Leonor (1458-1525), cujo 5º centenário de morte assinalamos este ano, é uma figura extraordinária da história portuguesa, quer sob o ponto de vista da sua trajectória pessoal e humana, a que não falta uma dimensão trágica, quer das iniciativas que tomou e das acções que cumpriu ao longo da vida. A institucionalização das Misericórdias, a protecção e incentivo de figuras como Gil Vicente e a sua arte, as suas ligações ao mundo do humanismo italiano e especificamente florentino ou o patrocínio de obras cimeiras da proto-tipografia portuguesa são aspectos centrais da sua inserção actuante e diversa no seu tempo e no seu espaço. A nossa intervenção diz respeito a um dos aspectos desta galáxia de interesses e de acções da rainha D. Leonor que foram os livros, em particular em torno de duas obras não identificadas da sua livraria.

› Carla Alferes Pinto

"Vestuário e representação no período moderno"

Esta comunicação aborda o vestuário feminino e masculino e a sua evolução funcional e técnica na transição do período medieval para o moderno a partir das peças representadas no *Retábulo de Santa Auta* (Museu Nacional de Arte Antiga), do antigo Convento da Madre de Deus em Xabregas, fundado em 1509 pela rainha D. Leonor (1458-1525).

› José Camões

"Comédias, farsas e moralidades para a tia Leonor"

Durante mais de quinze anos, Gil Vicente representou teatro nas cortes de D. Manuel e de sua irmã, D. Leonor, a pedido da rainha viúva. Inicialmente circunstancial, o teatro de Gil Vicente neste tempo foi-se afastando do seu pretexto, conformando géneros diferentes, mantendo, no entanto, uma certa inclinação para a festividade do natal, no que diz respeito ao calendário religioso. A essa escolha não terão sido alheias as práticas de devoção de D. Leonor.

BREVES NOTAS BIOGRÁFICAS

Paulo Drumond Braga (Universidade Aberta)- doutor em História pela Universidade Nova de Lisboa, é docente e investigador da Universidade Aberta. Publicou 25 livros, entre os quais as biografias do príncipe D. Afonso, filho de D. João II, e do rei D. Manuel I, assim como cerca de duas centenas de artigos científicos e de comunicações a eventos realizados em Portugal, Alemanha, Brasil, Espanha, França, Itália e Reino Unido.

Manuel Pedro Ferreira (NOVA / FCSH - CESEM - Centro de Estudos em Música) estudou em Lisboa e na Universidade de Princeton, onde se doutorou em Musicologia com uma tese sobre canto gregoriano em Cluny, orientada por Kenneth Levy. Ensina no Departamento de Ciências Musicais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa (FCSH/NOVA), de que chegou a ser coordenador. Entre 2005 e 2023, foi responsável pelo Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical da FCSH/NOVA. Em 1995 fundou o grupo de música antiga Vozes Alfonsinas, que ainda dirige em palco e em gravações. Foi eleito em 2010 membro da Academia Europaea e pertenceu, desde 2012 a 2022, ao Conselho Directivo da Sociedade Internacional de Musicologia. Dedicado sobretudo aos estudos musicológicos, Manuel Pedro Ferreira escreveu um vasto número de artigos académicos em revistas e livros publicados por todo o mundo.

João Miguel Simões (SCML / ARTIS - Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) - é doutorado em História de Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde apresentou a tese Escadarias de Aparato na Corte de Lisboa no século XVIII: manifestações de poder e riqueza no Antigo Regime. O Caso do Real Edifício de Mafra. Foi entre 2000 e 2003 historiador da Câmara Municipal de Borba. Entre 2003 e 2018, colaborou com diversos municípios e gabinetes de projeto no Alentejo, Algarve e Lisboa. É desde 2008 técnico superior do Museu de São Roque, onde estuda o acervo artístico e arquitetónico da Misericórdia de Lisboa.

João Alves Dias (NOVA / FCSH - Departamento de História) - é licenciado, doutorado e agregado em História, pela Universidade Nova de Lisboa, onde é docente, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, desde 1982. As suas diferentes áreas de investigação – com especial relevo para as Histórias: de Portugal; do Livro; da Paleografia; da Diplomática; e da edição de Fontes – podem ser conhecidas a partir de https://joaoalvesdias.blogspot.com.

Delmira Espada Custódio (NOVA / FCSH - IEM-Centro de Estudos Medievais) - Licenciou-se em Artes Plásticas – Pintura, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Obteve o grau de Mestre em História da Arte Medieval, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com a dissertação "A luz da grisalha. Arte, liturgia e história no Livro de Horas dito de D. Leonor (BNP, IL 165)", e o de Doutor, na mesma Universidade, com a tese "Relações artísticas entre Portugal e a Flandres através dos Livros de Horas conservados em instituições portuguesas"; este último como bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. É membro integrado do Instituto de Estudos Medievais, onde desenvolve projectos de investigação.

João Pedro d'Alvarenga (NOVA / FCSH - CESEM - Centro de Estudos em Música) - investigador Principal da NOVA FCSH. Coordenador do Grupo de Investigação "Estudos de Música Antiga" do CESEM, desde 2014; Co-Coordenador da Linha Temática "Arquivos, da preservação preventiva à digitalização", IN2PAST-Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território, desde 2021. É autor de edições críticas de música, de livros e de diversos artigos e textos sobre músicos e música em Portugal, instituições, repertórios vocais sacros e de tecla e respectivas fontes, abrangendo os períodos da Idade Média ao início do século XIX.

Joana Balsa de Pinho (ARTIS - Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras UL) - licenciada e doutora em História da Arte pela Universidade de Lisboa; e mestre em Museologia pela Universidad de Alcalá. Desde 2007 que se dedica ao estudo do património artístico e arquitetónico das Misericórdias. Neste âmbito desenvolveu a sua tese de doutoramento, comunicações em eventos científicos, a publicação de artigos e capítulos de livros e participações em projetos de investigação, em Portugal e no estrangeiro. Desde 2020, é investigadora auxiliar contratada do Artis – Instituto de História da Arte da Universidade de Lisboa.

Pedro Flor (Universidade Aberta / NOVA/FCSH - IHA / IN2PAST) - professor auxiliar com agregação na Universidade Aberta, onde fez o doutoramento em 2006 em História da Arte Moderna com a tese intitulada "A Arte do Retrato em Portugal nos séculos XV e XVI" (Assírio & Alvim, 2010). É investigador integrado no Instituto de História da Arte da NOVA/FCSH - IN2PAST.
Tem participado em vários encontros de carácter científico e publicado vários livros, capítulos de livros e artigos na sua área de especialização. É académico correspondente da Academia Portuguesa da História e da Academia Nacional de Belas-Artes.

Ana Isabel Buescu (NOVA / FCSH -Departamento de História) - Professora Associada do Departamento de História da NOVA-FCSH e membro integrado do CHAM-Centro de Humanidades (NOVA-FCSH). O seu domínio principal é a História Moderna de Portugal (séculos XV-XVI), com especial incidência na história política e suas interações europeias, cultura da corte e cerimónias régias, bibliotecas régias e aristocráticas, história biográfica, cultura renascentista em Portugal, história das mulheres. Autora e editora de vários livros e artigos nos seus domínios científicos. Académica Correspondente da Academia Portuguesa da História. Livros (desde 2005): D. Beatriz de Portugal. A Infanta Esquecida (1504-1538) (2019). A Livraria Renascentista de D. Teodósio I, Duque de Bragança, (2016). Na Corte dos Reis de Portugal. Saberes, Ritos e Memórias. Estudos sobre o século XVI (2010); Catarina de Áustria (1507-1578). Infanta de Tordesilhas, Rainha de Portugal (2007). D. João III (1502-1557) (2005, 2ª ed. 2008). Em colaboração: O Corpo e o Gesto na Civilização Medieval, ed. Ana Isabel Buescu, João Silva de Sousa e Maria Adelaide Miranda (2006). História e Ciência da Catástrofe. 250º Aniversário do Terramoto de 1755, ed. Fernanda Rollo, Ana Isabel Buescu e Pedro Cardim (2007). A Mesa dos Reis de Portugal. Ofícios, Consumos, Práticas e Representações (séculos XIII-XVIII), ed. Ana Isabel Buescu e David Felismino (2011).

Carla Alferes Pinto (NOVA / FCSH - CHAM – Centro de Humanidades e Departamento de História) - É investigadora contratada do CHAM-Centro de Humanidades da NOVA FCSH. É responsável pela linha temática de investigação Património e Desafios da Actualidade e presidente da Comissão Científica do mesmo centro. É docente no departamento de História da NOVA FCSH nos mestrados em História do Império Português (e-learning, desde 2015) e Património (desde 2019). Desde Julho de 2020, coordena também o mestrado em Património. Mestre em História da Arte do período moderno (1997) e doutorada em História da Arte (especialização em Museologia e Património Artístico, 2014), lidera o projeto VESTE (Vestir a Corte: Traje, género e identidade(s)) que se debruça sobre a história e as culturas da moda durante o início do período moderno em Portugal.

José Camões (Ceteatro - Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) - investigador Principal da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde leciona no programa de pós-graduação em Estudos de Teatro (Mestrado e Doutoramento). No Centro de Estudos de teatro desenvolve investigação sobre a História do Teatro em Portugal, estudos comparatistas do teatro ibérico do século de ouro e edição de teatro clássico português, produzindo ferramentas digitais para estas áreas de estudo. Centra a sua pesquisa sobretudo nos séculos XVI-XIX, assegurando a direção científica de vários projetos, destacando-se a edição integral do Teatro de Autores do Século XVI e do Século XVII, Documentos para a História do Teatro em Portugal, Teatro Proibido e Censurado nos Séculos XVIII e XIX.

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

CENTRO DE ESTUDOS EM MÚSICA
CESEM

NOVAFCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL